

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Folha da Tarde - 9/11/84

# Pataxós preferem morrer a entregar a terra dos pais

**Leão Serva**  
Enviado especial

Depois de duas horas esperando na sede do pequeno município cacauero de Pau Brasil a autorização dos agentes da Polícia Federal para entrar na reserva dos índios pataxós, localizada a seis quilômetros da cidade, cheguei a pensar que não me seria permitido ir até lá. Não há qualquer entendimento legal para isso, mas verdadeiramente um ânimo contrário, um desejo de que os índios não sejam vistos, de que não se fale com eles, mas apenas com seus "protetores" (os policiais) e tutores (os representantes da Funai).

Quase ao meio-dia, o agente Moraes, forte e simpático, me disse que iria à reserva buscar o delegado da Funai, Lúcio Flávio Coelho, e eu falaria com ele em Pau Brasil. Segui-o até a entrada da reserva e fui autorizado pelos funcionários do órgão tutor a entrar com o carro até o posto, onde esperei os líderes da tribo. O carro com chapa de São Paulo serviu da atração para os índios, que se aproximavam para conversar.

Há em todos eles um vago pessimismo que se nota na resposta que dão ao cumprimento "tudo bem?". "Não tá muito bom, não", dizem automaticamente. O primeiro habitante da reserva que veio ao meu encontro não é índio. De pele mulata, pouco mais de trinta anos, não quis revelar o nome: "Não dou não. Tem que ser índio para dar o nome. Senão depois vão dizer... quem manda aqui são os índios". Há oito anos ele é casado com uma pataxó que conheceu em uma das muitas andanças da tribo, que desde 1974 vive uma diáspora em que perdeu os últimos resquícios da cultura original.

Entre cerca de cem pessoas que conheci (a maior parte voltando para o trabalho), só dois homens eram mulatos. No entanto, na cidade de Pau Brasil se diz que entre os mil habitantes da reserva, apenas duzentos são índios.

### CHEGA O GUERREIRO

Depois de meia hora de conversa com vários habitantes, aponta, no alto da colina onde fica a farmácia da aldeia, um grupo que caminha em nossa direção. Um dos que conversavam comigo me pergunta se conheço o cacique Néelson Saracura. Não conhecia, mas não foi difícil saber quem era, pois estava vestido inteiro com trajes rituais de guerra. Borduna na mão, cocar na cabeça, todo pintado, parecia um ator, em meio aos outros líderes a sua volta, vestidos como qualquer brasileiro pobre.

Também ele respondeu a meu cumprimento com o "não tá muito bom, não", deflagrando imediatamente um violento discurso contra os fazendeiros, a polícia, Juruna e outros personagens de sua tragédia.

"Eu quero ver se tá bom. Eu não acredito que tá bom os fazendeiros continuam ignorando que tem polícia. E a polícia não tá aqui pra incomodar os grileiros. Eles passam na estrada mas não param aqui. Nós já falamos quem eram os homens que atiraram em meu irmão Antônio Júlio, e não vi eles prenderem ninguém. O dia todo os carros cheios de pistoleiros passam pela estrada, às vezes dão tiros. Eu só tô esperando para ver a justiça, que ação eles vão tomar.

Com pouco mais de quarenta anos, Saracura nasceu na fazenda São Lucas,

onde o antigo Serviço de Proteção aos Índios (SPI) mantinha um posto. Ele nem bem se lembra da vida ali. Quando foi expulso pelos fazendeiros de cacau, junto com a família de seu pai Ursulino, o antigo chefe, foi morar no interior de Minas, sempre com o desejo de voltar à terra onde nasceu.

### "QUERO MORRER AQUI"

Para falar desses tempos, apela a Samado, um velho de quase sessenta anos, que usa uns óculos "ray-ban" para esconder o olho direito, cego. Samado não sabe ao certo da própria idade. Lembra apenas que em 1947 — quando os fazendeiros de cacau, com título de arrendamento, começaram a expulsar os índios — ele já era moço. Naquele ano foi três vezes ao Rio de Janeiro, de onde voltava cheio de esperança, mas "nunca fizeram nada por nós". De cabeça, ele cita alguns dos fazendeiros: "o Pedro Leite hoje diz que é dono da terra do Rancho Alegre (vizinho a São Lucas). Mas eu nasci lá e me lembro quando ele correu com os índios, ele só tinha um papel escrito pelo chefe do posto do SPI, José Brasileiro, que arrendou a terra por um ano. Ele correu com a gente, matou índio e ainda se fazia de grande entre os fazendeiros. O Marcos Wanderlei (dono da fazenda Paraíso, o provável chefe dos jagunços que atiraram no índio Antônio Júlio), também. Desde que ele chegou, sempre mandou matar índios, sempre perseguiu até mesmo os homens que trabalhavam para ele".

Samado fala devagar, hoje ele é cacique de um grupo de oitenta pataxós que moram no Panelão, um distrito de Pau Brasil. Ali na São Lucas ele participou de uma reunião no domingo para discutir a situação atual da tribo, e agora tem medo de voltar ao Panelão.

"Depois de 47, duas vezes eu voltei prá cá, que é a terra em que meu pai nasceu. Nas duas vezes fui corrido pelos brancos. Mas agora eu não saio mais. Meu coração sempre esteve aqui. Eu prefiro morrer aqui do que ser levado de novo para longe. Eu quero ser enterrado aqui na reserva de Pau Brasil. Eu quero morrer aqui".

### BRANCO QUER DINHEIRO

Pergunto a Saracura sobre a vinda do deputado Mário Juruna à reserva, há pouco mais de um mês. "Eu não gosto nem de falar disso. Juruna veio aqui com três deputados de Itabuna, e muitos fazendeiros de cacau. Tinha uma fila de 36 automóveis. Ele foi traído pelos brancos. Ele mora no meio dos brancos e veio aqui propor negociação. Quando eles chegaram, nós quebramos todos os carros porque não tinhamos dado autorização para eles entrarem na reserva. Depois deixamos o Juruna entrar para ouvir o que ele tinha a dizer. Ele disse que a gente tinha que aceitar a indenização e pegar 36 mil hectares em outro lugar do Brasil". Depois o deputado branco foi dizer que na reserva tem mais brancos do que índio", endossando portanto a tese dos fazendeiros.

"Eu quero deixar claro nesse jornal que o índio não é vagabundo como os fazendeiros dizem. E só dar condição ao índio que nós vamos mostrar aos fazendeiros do que nós somos capazes. Qualquer um que não tem comida nem onde trabalhar passa por preguiçosos. O branco só quer saber de dinheiro e cacau. Mas ninguém come cacau".

Saracura não poupa a Polícia Federal. Para ele, os quatro agentes que estão em Pau Brasil só servem para dar a impressão de que ela cuida dos índios. Acusa o delegado Guido Fidelis, de Ilhéus, responsável pela proteção dos índios, de defender os interesses dos fazendeiros. "Os agentes da polícia e os soldados da Polícia Militar passam o dia tomando uísque e comendo churrasco na fazenda Paraíso. Mas terça-feira, quando a televisão foi na divisa da fazenda, eles viram um jagunço armado, que se assustou quando viu tanta gente e saiu correndo. Mesmo com esses quarenta policiais que estão aí, os jagunços andam livremente".

### MEDO DA INVASÃO

O medo maior dos índios é o de uma invasão organizada. O vice-cacique Nafilton, tido como o intelectual do grupo, diz que "as armas que nós temos são a borduna de índio, pedra que tá no chão e os facões. Pra se defender de armas é muito difícil".

Hoje com trinta anos, Nafilton nasceu em São Lucas, no antigo posto do SPI. Na expulsão de seu grupo, em 1960, ele tinha seis anos, mas conta que sempre quis organizar a volta.

### "VIDA BOA", DIZIA MINHA MÃE

"Minha mãe sempre dizia como era boa a vida no posto. Quando a gente passava fome, ela contava que aqui nunca faltava nada. Na época que nós fomos embora havia uns 3 mil pataxós, mas já estava muito espalhado. Nós fomos morar em Palmira, no limite da antiga reserva. Outros foram para o Panelão, outros para Itajudo (cidade vizinha a Pau Brasil) e teve até quem foi pra Minas Gerais. Mas a maioria nunca saiu dos limites da reserva. E acho que isso é o que mais irrita os fazendeiros, porque eles não podem dizer que nunca houve índio em Pau Brasil. Nós sempre estivemos aqui e nunca vamos deixar essa região".

As três da tarde, o calor ainda é forte; Nafilton agora está só. Saracura foi à sede do posto para mais uma transmissão de rádio para Brasília, em busca de notícias de Antônio Júlio. Chega o delegado da Funai, Lúcio Flávio.

"Ponha no jornal que o único jeito de acabar com esse clima aqui é desarmar todos os jagunços da região. Enquanto isso não for feito, não haverá paz. Eu tenho pedido calma aos índios; pedi a eles que não saiam da reserva. Mas até quando? É preciso lembrar que nós temos pelo menos duzentos homens fortes aqui, prontos para lutar, e que não aguentam mais essa pressão. A polícia está aqui para cuidar da segurança pública, para desarmar os jagunços. Mas até agora não moveram uma palha. Nós já apresentamos os suspeitos. Eles não prenderam. Os índios querem ver sinais de boa vontade dos brancos, se não isso aqui acaba virando um massacre e é impossível prever quem sairá vencedor".

Lúcio Flávio acusa os fazendeiros de montar um cerco à fazenda com homens armados. Aparentemente, isso faz parte de um plano para chamar a atenção dos governos estadual e federal, e inviabilizar a permanência dos índios na região. O ânimo dos pataxós, no entanto, revela o espírito guerreiro. Preferem a morte a deixar a terra onde nasceram seus pais e onde querem que os filhos vivam."